

Pluralidade – Busca de uma Identidade/ Anseios e Utopias no Cotidiano Escolar

Marina Queiroz Silva¹
Maria Celeste de Moura Andrade²

Resumo: A temática da Pluralidade Cultural diz respeito à análise e valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, imersos em suas desigualdades socioeconômicas e relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira. A abordagem dessa temática oferece ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. O artigo destaca que para abordar a pluralidade cultural e social no cotidiano escolar é importante lembrar as especificidades da cultura e da sociedade no mundo. A cultura vai se formando historicamente, crescendo e se transformando dentro de uma sociedade permeada por seus hábitos, valores, pensamentos, crenças, conceitos e formas de organizar e desenvolver os espaços sociais, gerando confrontos, mas também soluções para seus inúmeros conflitos e anseios sociais. O texto salienta ainda que o respeito à pluralidade social e a busca por identidade no âmbito do cotidiano escolar constituem parte do processo de construção inserido no contexto dessa ampla manifestação histórico cultural.

Palavras-chave: pluralidade cultural, identidade, cotidiano escolar.

Estranho
Composição: Guilherme Arantes
Estranho é todo homem
que não se sujeita
a esquerda ou direita
que nunca serve, nunca
se enquadra
e sempre sobra sempre,
de fora à beira, quase,
na boca presa a frase
e a fera sempre à boca

¹ Licenciada e Bacharelada em Ciências Biológicas – UNIARAXÁ. Licenciada em Pedagogia – UNIUBE. Pós-graduanda em Gestão Escolar, Orientação e Supervisão Pedagógica – UNIARAXÁ.

² Mestre em Educação – Formação de Professores - UNIUBE. Doutora em Educação – Conhecimento, Linguagem, Pensamento e Arte - UNICAMP. Professora e Suporte Pedagógico do Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ.

*de espera
Estranho é todo homem
cuja alma é nômade
cuja imagem mente
nem bom, nem mau, é um homem
ausente
que sempre sobra, sempre,
de fora, à beira, quase
na boca presa a frase
e a fera sempre à boca de espera*

1. Introdução

O Pluralismo Cultural é um dos Temas Transversais, contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais editados pelo governo brasileiro.

A intencionalidade dessa temática diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional. Diz respeito também às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal.

A identidade está sempre ligada à questão cultural e que como nos diz Boaventura Sousa Santos (1997), as identidades culturais são resultados transitórios de processos de identificação e de transformação, portanto não são como armaduras, rígidas e nem imutáveis. As identidades são identificações e significações em curso.

Martins Buber (1997) em seu livro *Eu e Tu*, diz que no começo é a relação. (...) O homem se torna Eu na relação com o Tu. As relações humanas vão acontecendo à medida que o contato vai se estabelecendo. A construção se dá então nesse encontro dos pensamentos e ações de um com o outro e do outro com ele mesmo.

A construção da identidade acontece sempre, durante toda a vida dos indivíduos, é um fator social, com muitas interações e interferências. Pois, as pessoas não vão construindo somente uma identidade, mas uma série de características, como a sua inteligência, equilíbrio, serenidade, emoções, medos, enfim tudo que precisa para verdadeiramente serem plenas em sua essência humana. Quando essas interações acontecem de forma intensa pode ocorrer uma chamada “crise de identidade”, mas mesmo vivenciando uma situação assim o indivíduo não deixa de construir sua identidade, ele passa a resignificá-la.

Stuart Hall (1997) diz que os padrões comuns de identidade estabelecidos pela sociedade vão se alterando, na busca de outras identidades, criando significados variados, provocando uma postura diferente diante do mundo.

Nas suas palavras:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p. 7)

É percebido neste entendimento que a “estabilidade” de uma identidade foi rompida ou modificada. Um fato atual que marca a quebra ou resignificação dessa identidade é o acontecimento da globalização, o acesso fácil e rápido ao mundo. Mas, Stuart Hall chama a atenção para o fato da globalização tida como fenômeno mundial constituir, na verdade, um fenômeno ocidental. A crença na “homogeneização cultural” gera um temor à ameaça da globalização, pois ela ameaça “solapar as identidades e a “unidades” das culturas nacionais”. A globalização vem nos mostrar o outro na sua diversidade e ao mesmo tempo na sua *misteriosidade*, com isso proporcionando uma aceitação maior desse outro, pela curiosidade seguida de descoberta, pela necessidade de resignificação do mesmo. O interesse pelo local e pelo mundo passa a ser mais intenso e divertido, nesse sentido a globalização não parece ser a vilã da quebra das identidades, mas sua estimuladora, pois provoca a construção e reconstrução de novas e novas relações de respeito com o “diferente”. A uniformização das diferenças entre as culturas não será quebrada, pois os próprios interesses econômicos na exploração dessa diversidade local não irão permiti-la.

Falar dessa diversidade e confrontar essas realidades, não é um discurso de respeito aos diferentes. Essa diversidade vem carregada de sentidos multifacetados sobre o eu e o outro. Olhar o outro é uma coisa, mas relacionar-se com ele é outra, pois isso pressupõe a sensibilidade de se colocar no lugar do outro, de sentir como o outro sente, de respeitar a fala do outro, de aceitar o comportamento do outro, de conviver com os diferentes padrões de vida que estão ou estarão em desacordo com os modelos de comportamentos em que você foi criado. Nesse sentido podemos dizer que a globalização nos perturba, mas nem por isso nos venda os olhos, o indivíduo mesmo sabendo que existe o diferente e mesmo sabendo que alguns não são bem vindos, ele arruma meios para não conviver fisicamente com ele, o que não quer dizer que esse outro estará ausente. O outro de alguma forma, mesmo sem a presença física, nos transforma como sujeitos, pois nos faz pensar nas múltiplas relações em que estamos inseridos.

Segundo João Guimarães Rosa, o mais importante e bonito do mundo é que as pessoas não são sempre iguais, elas não foram terminadas, se afinam e desafinam a todo tempo. Vão se construindo e desconstruindo. (ROSA, 2006).

1. O Ser Humano Construtor e Promotor da sua Cultura

1.1 - Conhecimento, respeito e valorização das diferentes linguagens culturais

De acordo com Neuza Maria Mendes de Gusmão (1997), a educação assimila o indivíduo à ordem social, integrando-o e diferenciando-o por suas características pessoais, por gênero e por idade. Procura-se garantir aí o equilíbrio da vida em sociedade. A educação acontece no interior da sociedade, composta por diferentes grupos e culturas, visando certo controle sobre a existência social, de modo a assegurar sua reprodução por formas sociais coletivamente transmitidas.

Nos dias de hoje, a educação é unanimemente considerada como um dos mais importantes meios de socialização e de promoção do desenvolvimento social e individual, fazendo valer todas as características de interação do sujeito com o mundo. Nesse sentido os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e co-operação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspectos, transversais, que caracterizam a escola como instituição.

Mas essa construção acontece o tempo inteiro, pois lida com uma pluralidade cultural imensa com especificidades de um mundo globalizado. Passando a manifestar seus hábitos, valores, pensamentos, crenças, conceitos e formas de organizar e desenvolver os espaços sociais, criando e gerando entre si confrontos e soluções para seus inúmeros conflitos e anseios sociais.

1.2 – Escola: ambiente de cultura

A concepção de cultura não pode ser confundida com algo estático ou compartimentalizado. O homem com suas inúmeras interações e confrontos, (des) constroem a sua cultura, o seu saber.

Nesse processo a escola entra como instrumento que auxiliará este homem na sua caminhada de regeneração/construção de uma cultura e consequentemente de uma identidade escolar. À medida que essa caminhada vai envolvendo novas aculturações, novas ações pedagógicas vão sendo necessárias para que a re(construção) seja harmoniosa e equilibrada. Toda instituição de ensino, além de ter características comuns, como a de transmitir conhecimentos sistematizados, precisa ser autora de um jeito próprio de ser e de manifestar seus hábitos e valores. Dessa forma, cada instituição escolar desenvolve anseios e cria utopias para buscar um jeito próprio de caminhar, de ver o educando e de transmitir-lhe seus costumes e valores. Mas, com isso depara com uma diversidade educativa grande e complexa, disposta a fazer valer todo o seu atributo formativo. Para adequar-se ao pedido silencioso dessa diversidade a escola, cria um currículo para atender esses educandos nas suas múltiplas necessidades, valendo-se de recursos como

os temas transversais como forma de promover a interação entre teoria, prática e experiências coletivas, criando um ambiente de respeito às diversas formas de manifestações culturais e sociais.

1.3 - Levantamento e valorização das formas de produção cultural mediadas pela tradição oral.

A educação escolar desempenha um papel de sociabilização, contribuindo para a interiorização pelo indivíduo dos valores da sociedade. É neste sentido que a escola constitui uma instituição de primeira linha na constituição de valores que indicam os rumos pelos quais a sociedade trilhará o seu futuro (SOUZA, 2001).

A cultura escolar é um fator decisivo na construção de uma identidade e de um funcionamento organizacional. A cultura escolar, de acordo com Edgar Schein (1992), pode ser definida como um padrão de pressupostos básicos, inventados, descobertos ou desenvolvidos por um grupo, à medida que aprende a lidar com os seus problemas de adaptação externa e de integração interna. Esse padrão precisa funcionar bem o suficiente para ser considerado válido.

Para Gaudêncio Torquato (1991), a cultura escolar é mantida por numerosas variáveis relacionadas entre si e modelada com o somatório das cognições e vivências emocionais, técnicas, psicológicas, sociológicas, administrativas, políticas e estratégias, que justapõem fatores humanos individuais, relacionamentos grupais, interpessoais, formais e informais.

Para José Faria Bilhim (1996), a cultura é que distingue cada organização, pois cada membro tem um papel de construtor de identidade da organização e é justamente esse papel que a faz diferir das demais instituições. É esse agregado de membros que vão partilhar essa cultura e construir em torno dela uma identidade partilhada, contribuindo assim para a facilitação da adesão aos objetivos gerais da organização.

Rebello, Gomes e Cardoso (2001) nos remetem à ideia de identidade, de distinção, ou seja, daqueles caracteres que tornam particulares e distinguem uma organização da outra.

Para Antônio Nóvoa (1995), o sistema educativo deve passar pela sua descentralização e por um investimento das escolas como lugares de formação, que têm de adquirir mobilidade e flexibilidade, incompatível com a inércia burocrática e administrativa que as tem caracterizado.

Mesmo sabendo ser impossível uma escola igual para todos, acreditar que seja possível a construção de uma escola que reconheça que os alunos são diferentes, que possuem uma cultura diversa e que repense o currículo, a partir da realidade existente dentro de uma lógica de igualdade e de direitos sociais. Assim, pode ser possível construir uma escola menos excludente, que efetivamente busca uma cidadania real e humanitária.

1.4 – Cotidiano escolar – Uma constante diversidade

Cada escola possui um cotidiano diferente, composto de projetos políticos pedagógicos distintos, com objetivos e regimentos que vão ajudar na construção de uma identidade própria, respeitando o universo diverso no qual está inserida.

Neste sentido, Sonia Penin (1995) afirma que a transformação dos sujeitos que compõem uma escola é construída e transformada a partir da ação dos mesmos. E que o cotidiano escolar reflete sua própria história, como também a da sociedade na qual está inserida. Daí a importância de não negar a história do outro, da sociedade e a sua própria história. Negá-la é negar a própria existência, é negar a possibilidade de transformar algo.

1.5 – Conhecer os diversos costumes de grupos sociais ajuda no conhecimento da construção da sua própria identidade.

Para Henri Lefebvre (1983), é na vida cotidiana e a partir dela que se cumprem às verdadeiras criações, aquelas que os homens produzem no curso de sua humanização: as obras.

Daí a importância de todos os envolvidos no cotidiano escolar reverem-se, a fim de compreenderem quais são seus sujeitos históricos – discentes, docentes, supervisores, gestores... para compreender definitivamente que não estão prontos, pois a identidade vai se construindo e se modificando permanentemente através dos processos interativos.

Sabemos que alguns conhecimentos universais devem ser verdadeiramente universais, contribuindo para a superação do ideal de homogeneidade, de uniformização de idéias, valores e projetos que historicamente predominaram. Paulo Freire (2002) afirma que é preciso vislumbrar a história enquanto tempo de possibilidades, uma vez que a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História, onde há tempo problematizado e não pré-dado.

Para Leonardo Boff (1999) o cuidar esta relacionado com o tempo que se dá a cada pessoa para que ela possa afinar com o objeto. Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. (...) É entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com elas. (p.96)

O importante não é excluir o que sabemos, mas refletir sobre aquilo que descobrimos ou redescobrimos. Segundo Jean-Yves Leloup (1998) reconhecer que o nosso saber é limitado e o que não sabemos é infinito.

Não se trata de negar o que sabemos, trata-se de relativizar nosso conhecimento. Conscientizarmo-nos de que o que sabemos não é tudo, de que o que sabemos não é grande coisa diante de tudo o que resta a descobrir. Esta é a atitude do verdadeiro cientista. Ele sabe o

que sabe. Mas sabe também que seu saber é limitado e o que ele não sabe é infinito. (p.98)

1.6 - As variadas formas lingüísticas como agente de identidade na interação sociopolítica e cultural.

A escola oferece informações e deve possibilitar reflexões sobre a língua materna e outras possibilidades de diferentes línguas (o bilingüismo e o multilingüismo) e linguagens presentes nas diversas regiões do Brasil e de outros países, com o objetivo de promover a compreensão de como se constituem identidades e singularidades de diferentes povos e etnias.

Para Maria Antonieta Alba Celani (2001), a forma com que nós nos expressamos é um fator de extrema importância na construção da identidade. Quando se discute a transdisciplinaridade no currículo, ressalta-se a importância de se relacionar língua e sociedade. A própria compreensão da língua é uma prática social. Não basta trabalhar o tema, é preciso levantar questões para discussões dos aspectos sociais e políticos.

É no cotidiano escolar que as questões vão surgindo e com elas as identidades podem ser construídas ou reformuladas.

1.7 - A valorização da diversidade cultural, o conhecimento e análise de mundo como fonte promotora de cultura e identidade

O papel da escola como instituição formadora dos indivíduos passa por uma observação, análise e uma sistematização dos atores desse cotidiano. Caberá à escola o papel desafiador de formar uma consciência baseada na existência da diferença entre pessoas e no respeito mútuo que deve existir e permear as relações sociais. Segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), pautados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a discussão a respeito da pluralidade que envolve o país deve passar a ser tratada nas escolas, procurando agir conforme propõe o próprio documento:

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõe a sociedade. (BRASIL, 1998, p. 117)

Ao saber disso, a escola convive com os diferentes, por isso torna-se necessário um plano de ação para que a coexistência desses diferentes seja livre de preconceitos e discriminações decorrentes de qualquer tipo de diferenças raciais, étnicas e culturais.

Para essa ação se efetivar no cotidiano escolar será necessária à mobilização de todos os envolvidos no processo de construção de identidades e na mediação dessa ação. É necessária a reflexão de todos sobre os conceitos e valores envolvidos no âmbito escolar, a fim de que sua prática cotidiana possa contribuir para a formação social dos alunos como cidadãos críticos e atuantes, na busca de solucionar problemas advindos de uma sociedade atual e moderna.

Segundo Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2000), existem também conseqüências antidemocráticas dessa política. Quando os pais são obrigados a lidar com a educação formal, sem que sejam consideradas as diferenças de capital econômico, social e cultural entre os diversos grupos sociais, essa política poderá acentuar.

[...] as desigualdades de aprendizagem escolar, culpando perversamente os pais e mães pelo fracasso escolar e, ao mesmo tempo, ao sobrepor o currículo escolar às práticas educativas domésticas e ao privilegiar um estilo particular de exercício da paternidade e maternidade, poderá enfraquecer a autonomia da família e a liberdade de pais e mães. Poderá ainda, ameaçar a pluralidade cultural ao impor a uniformidade cultural para além dos muros da escola pública, penetrando no reduto da vida privada (p.150).

A família não pode ser transformada a partir do ponto de vista da escola, e o saber da escola não pode dominar o saber popular cotidiano. É importante que a pluralidade cultural e a liberdade da família sejam mantidas, para que a educação familiar seja algo importante e necessário na formação da cultura social privada

o conhecimento resulta de uma inter-relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido”. Diante de um desafio, de estímulo, de uma lacuna no conhecimento, o sujeito se “desequilibra” intelectualmente, fica curioso, instigado, motivado e, através de assimilação e acomodação, procura restabelecer o equilíbrio que é sempre dinâmico, pois é alcançado por meio de ações físicas e/ou mentais”. (PIAGET, 1972, p.137)

Sílvio Gallo (2007) no livro “Cotidiano Escolar: Emergência e Invenção” nos remete à expressão “educação menor”. Essa educação menor é aquela construída de forma solitária pelo professor, pelo aluno e por todos os envolvidos no cotidiano escolar. E a educação maior como sendo aquela que é revestida de relações de poder. A educação menor está constituída de resistências aos atos da educação maior. A educação menor pode até ser aprisionado pela educação maior e com isso ser fragmentada, emoldurada, rompida. Mas no cotidiano escolar reina a sequência de acontecimentos, inesperados e imprevisíveis, portanto as fugas irão acontecer e o estriamento nunca conseguirá ser total e absoluto. As relações não cessarão de ir acontecendo e sendo (re)significadas para todos.

Considerações Finais

Nem mesmo as três grandes revoluções do Ocidente Moderno: a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e a Revolução Russa não foram capazes de descaracterizar uma cultura, ao contrário fizeram com que a reflexão se tornasse parte dessa cultura.

A cultura não é concebida apenas com a leitura, artes, música etc. O conceito de cultura é bastante complexo e multifacetado, podendo ser definida através de visões diferenciadas. Na visão antropológica a cultura é definida como uma rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade, mas existem inúmeras visões. Percebendo isso, podemos chegar à conclusão de que é impossível que uma cultura seja definida com uma única visão ou considerada terminada. Ninguém nasce ou permanece fora de um contexto social, por isso fica evidente que a cultura faz parte do indivíduo e que o indivíduo faz parte da cultura, e nesse sentido o sujeito constrói sua identidade mediante suas visões e vivências culturais.

Portanto não é a globalização que vai abolir ou demolir a(s) cultura(s), ela permitirá a ampliação e o contato com o mundo diverso, oferecendo a esse indivíduo horizontes mais amplos e com isso a possibilidade de discussões e re(significações) do mundo real e amplo em que vive. Portanto sabendo que uma identidade só é construída inserida em processos culturais, devemos acreditar que é difícil construir uma escola que respeite a identidade e a cultura dos “diferentes”, se não trabalhar essas culturas com seus “diferentes”.

Os anseios e as utopias são constantes no cotidiano escolar, mas propostas que façam com que seus educandos tenham uma identidade baseada em uma cultura diversa e ampla pode possibilitar a construção de uma sociedade mais cidadã, onde os diferentes se tornem iguais nas relações harmoniosas que irão se estabelecendo.

Referências:

ARANTES, Guilherme. **Estranho**. Disponível em: < <http://letras.terra.com.br/guilherme-arantes/113511/>>. Acesso em 17 mar. 2011.

BILHIM, José Faria. **Teoria organizacional: estruturas e pessoas**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1996.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUBER, Martins. **Eu e Tu**. 2 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ética e pluralidade cultural**, 1998.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, julho, p. 150, 2000.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinarity in the teaching of English as a foreign language. In: GRIGOLETTO, M. & CARMAGNANI, A M G (orgs) **Inglês como língua estrangeira: identidades, práticas e textualidade**. São Paulo: Humanitas,/FFLCH/USP, 2001. p. 29-36.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GALLO, Sílvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio. **Cotidiano escolar: emergência e invenção** (orgs.). Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.

GUSMÃO, Neuza Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. In: Antropologia e educação. Interface do ensino e da pesquisa. **Caderno Cedes**, n. 43, 1997.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós - modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoria de las representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LELOUP, Jean-Yves. **Deserto, desertos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

NÓVOA, Antônio. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola: a obra em construção**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 199.

PIAGET, Jean. **Tratado da psicologia experimental**. Trad. Agnes Cretela. 2 ed. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

REBELO, Tereza.; GOMES, Duarte.; e CARDOSO, Leonor. Aprendizagem organizacional: relações e implicações, **Psychologica**, n. 27, p.69-89,.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro2001: Editora Fronteira, 2006. Disponível em: < http://www.vidaslusofonas.pt/joao_guimaraes_rosa .htm>. Acesso em 19 mar. 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHEIN, Edgar. **Organizational Culture and Leadership**. S. Francisco, CA: Sage, 1992.

SOUZA, Ângelo Ricardo. A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira, **Revista Ibero-americana de Educação**, <http://www.campus-oei.org/revista/fin_edu3.htm> [consulta: Fev. 2011], 2001.

TORQUATO, Gaudêncio. **Cultura, poder, comunicação e imagem - fundamentos da nova empresa**. São Paulo: Pioneira, 1991.

Abstract: The theme of Cultural Plurality concerns the analysis and appreciation of ethnic and cultural characteristics of different social groups living in the country, immersed in their social and economic inequality and social discrimination and exclusion that permeates Brazilian society. The approach of this theme gives the student the opportunity to see Brazil as a country complex, multifaceted and sometimes paradoxical. The article emphasizes that to address social and cultural diversity in school life is important to remember the specifics of culture and society in the world. The culture is being formed historically, growing and transforming into a society permeated by their habits, values, thoughts, beliefs, concepts and ways of organizing and developing the social spaces, creating confrontations, but also solutions to its many conflicts and social concerns. The text also points out that respect for social diversity and the search for identity in the context of everyday school life are part of the construction placed in the context of this broad historical cultural manifestation.

Keywords: cultural diversity, identity, daily school.

* **Marina Queiroz Silva**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9067618590893056>

* **Maria Celeste de Moura Andrade.**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5569891803553823>

